

MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA DE ALUNOS NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Thalita de Sousa Fernandes ¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar as principais marcas de oralidade em atividades escritas, por alunos do 7º ano do ensino fundamental, de escola pública do município de Imperatriz-MA. É perceptível que a oralidade desempenha um papel crucial para o desenvolvimento da linguagem e das habilidades da comunicação. A pesquisa é qualitativa, de cunho etnográfico, fundamentada em estudos de autores como Bortoni-Ricardo (2008), Marcuschi (2001) Fávero (2002), Cereja (2005). As marcas da oralidade se constituem na reprodução da fala na escrita dos alunos, que é algo regular no início da escolarização que deve ser corrigido. Um trabalho mais focado na escrita dos alunos pode corrigir esse problema. Os dados mostraram que os alunos transferem a mensagem oral na grafia e as influências são socioculturais, em que as pessoas do seu âmbito não frequentam o ambiente escolar, o conhecimento apenas da língua materna, com isso os alunos tendem a não distinguir as diferenças orais, é perceptível que os mesmos não diferem o som de algumas vogais, sílabas e dígrafos, e conseqüentemente as marcas da oralidade estão presentes em suas produções textuais. A relevância desse estudo se dá por poder contribuir com o ensino da escrita, de forma que o aluno saiba entender e fazer diferença entre a fala e a escrita, no âmbito das produções textuais.

Palavras-chave: Oralidade, Escrita, Ensino fundamental, Variedade linguística

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar as principais marcas de oralidade em atividades escritas, por alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, de escola pública do Município de Imperatriz-MA. No contexto específico, a recorrência da oralidade na escrita requer uma compreensão profunda das influências da oralidade na escrita dos estudantes.

A linguagem atribui a cada indivíduo, indivíduo sua particularidade de expressar suas ideias, sentimentos, entre outros, assim como a comunidade linguística, de modo particular de perceber o mundo e seu entorno; a linguagem é influenciada por vários processos socioculturais e históricos. De acordo com Marcuschi “A língua, seja sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações e as formações sociais”. Está presente em todos os contextos sociais, em tudo aquilo que há comunicação, na

¹ Graduando do Curso de Letras licenciatura em língua portuguesa e literaturas de língua portuguesa da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, thalita.fernandes@uemasul.edu.br;



organização de sons, palavras, frase; como expressar emoções, pensamentos, voltada no contexto histórico e social do falante, sendo o principal instrumento no desenvolvimento de conhecimento intelectual do ser humano.

Quanto a escrita, é indispensável na trajetória do ser humano, sendo uma modalidade do aprendizado em sala de aula, por possui um contexto formal, é considerada pela sociedade, um prestígio social. A escrita é o meio de armazenamento de informações, Vale ressaltar, conforme Ribeiro (2006), que:

Como a escrita está intimamente associada à leitura, são processos simultâneos e interdependentes, ou seja, a leitura interage na escrita e a escrita interage na leitura, o aluno descobrirá que escrever significa operar escolhas linguísticas de modo a expressar seu pensamento com organização, clareza e adequação, na modalidade da língua. (RIBEIRO, 2006, p. 41)

Com base nas informações expostas, entende-se que a fala e escrita são modalidades distintas, contudo, estão ligadas e completa uma a outra. As marcas de oralidade na escrita dos alunos são recorrentes, isso ocorre porque os alunos estão em processo de consolidação do domínio da escrita, transferindo para as produções textuais as próprias da linguagem oral, a qual já dominam. Com base nas informações, viu-se que é necessário averiguar como o contexto escolar e o ambiente de ensino influenciam a escrita dos alunos. Quais estratégias e intervenções pedagógicas podem ser implementadas para reduzir a presença de marcas de oralidade na escrita dos alunos

Este estudo propõe-se a analisar exemplos concretos das escritas dos alunos, feitas em sala de aula, como textos produzidos por alunos, investigando como elementos típicos da oralidade, como coloquialismos, repetições, estruturas sintáticas simplificadas e a influência de dialetos locais, se refletem na escrita formal dos estudantes.

METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa, de cunho etnográfico, visto que foram considerados as análises das escritas dos alunos do 7º ano da Escola Municipal de Imperatriz-MA. Como afirma Bortoni-Ricardo (2008, p. 42) “[...] é tarefa da pesquisa qualitativa de sala de aula construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é contexto por excelência para a aprendizagem dos educandos”. Ao promover a pesquisa e reflexão na sala de aula,



o professor facilita o aprendizado dos alunos, como também os capacita a se tornarem aprendizes autônomos e críticos ao longo da vida, espaço esse que o professor terá contato com alunos com diversas realidades diferentes. De modo geral a pesquisa foi realizada em três (3) momentos, o primeiro é o desenvolvimento bibliográficos nos teóricos da área da sociolinguística com Bortoni-Ricardo (2008), Marcuschi (2001) Fávero (2002), Cereja (2005).

A segunda etapa foi conhecer a turma, e destaca e selecionar os alunos com mais dificuldades, tanto na leitura quanto na escrita. A professora-supervisora destacou esses alunos para acompanhar-me até a biblioteca para ouvir e analisar a oralidade no momento de leitura, o livro infantil: Brinquedos e brincadeiras de Roseana Murray, nesse momento foi debatido com a docente, a dificuldade do aluno quanto a leitura, e logo após foi proposto a estratégia de aprendizagem, o ditado de palavras. O terceiro momento foi proposto as produções textuais, com toda turma, com base no relato sobre suas experiências, em uma visita na “Casa do Idoso”, em Imperatriz-Ma. Após os alunos entregarem as produções, os professores de Língua Portuguesa, foram observados que realmente os alunos utilizam a oralidade dentro da escrita e a análise dos textos. É perceptível como essas estratégias permitem a observar as dificuldades dos alunos, fazer-se perceptível a maneira em que o professor irá desempenhar o ensino em sala de aula para solucionar, e fazer com que eles entendam a diferenciação entre a fala e escrita. Por fim desenvolveu-se a análise dos materiais e a coleta de dados, tanto a escrita como a oralidade dos alunos durante a sequência didática.

É interessante ressaltar o modo em que os alunos do 7º ano trazem semelhanças da sua oralidade diária, para a leitura formal e na escrita das palavras. Verifica-se que apesar do desempenho do professor os alunos referidos possuem dificuldades no que se refere a utilização da norma culta da língua portuguesa.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Fiorin (2018, p. 11), “A linguagem verbal é, então, a matéria do pensamento e o veículo da comunicação social”. A linguagem está presente em todos os contextos sociais, em tudo aquilo que há comunicação, na organização de sons, palavras, frase; como expressar emoções, pensamentos, voltada no contexto histórico e social do falante, sendo o principal instrumento no desenvolvimento de conhecimento intelectual do ser humano. A relevância pela linguagem já existe há muito tempo, nas lendas, rituais, entre outros; os primeiros estudos foram por motivos religiosos, a primeira gramática foi a: *Gramática de Port Royal*, de



Lancelot e Arnaud. Conforme Fiorin o conhecimento de línguas aumenta no século XIX, descreve (2018 p.12):

O pensamento linguístico contemporâneo, mesmo que em novas bases, formou-se a partir dos princípios metodológicos comparado das línguas vai evidenciar o fato de que as línguas se transformam com o tempo, independentemente dos homens, seguindo uma necessidade própria da língua e manifestando-se de forma regular.

O descobrimento da semelhança entre as línguas evidencia que existe uma relação de parentesco, o objeto dos estudos sobre a linguagem é a língua, na linguística moderna também se ocupa com a escrita, mas considera a preferência em estudos é a língua falada. A habilidade da linguagem é observada a partir da fala e escrita, baseia-se nas descobertas científicas, na análise da linguagem de modo respeitoso. Martellota (2011, p. 20) afirma: “A linguística considera, pois, que nenhuma língua é intrinsecamente melhor ou pior do que outra, uma vez que todo sistema linguístico é capaz de expressar adequadamente a cultura do povo que a fala”. Os estudos científicos são sistematizados conforme a análise da teoria e da comunicação, dessa forma não podemos classificar as línguas e as variedades linguísticas como melhores ou piores, pois há comprovações científicas, com isso é considerável que todas as variações linguísticas e cada grupos sociais, são igualmente apropriadas. Durante muitos anos a língua falada foi rejeitada como objeto de pesquisa, mas com a relevância de indicar que não há linguagem superior ou inferior a outra, viu-se necessário compreender as diversas formas de expressar-se, reconhecendo que a língua falada é igualmente rica e complexa, refletindo aspectos importantes da comunicação e da cultura.

A oralidade tem relevância tanto quanto a língua escrita, é essencial que o professor-mediador esteja preparado teoricamente, e assim oferecer em sala de aula, o ensino inclusivo e completo, quanto as variações linguísticas. O desenvolvimento das habilidades de comunicação oral dos alunos deve receber a mesma atenção que o ensino da escrita, pois ambas são fundamentais para expressão e comunicação nos contextos sociais. De acordo com Elias (2011, p. 32),

Para a escola abrir suas portas efetivamente para o ingresso do trabalho como o oral, é necessário que o docente da área de Língua Portuguesa domine pressupostas teóricos [...] que lhe permitam refletir sobre o ensino da língua materna considerando as noções de variação e de mudança [...]

Incluir de maneira mais efetiva o ensino da língua oral no ambiente educacional é primordial que há uma necessidade de equilibrar esse foco entre a escrita e oralidade, perceber



como a língua é usada em diferentes contextos, como ela varia entre diferentes grupos sociais e regiões, e como ela evolui ao longo do tempo, sendo heterogênea. A variação linguística refere-se às diferentes formas de uso da língua que podem variar por fatores como região, classe social, idade, entre outros. A mudança linguística, por sua vez, refere-se ao processo pelo qual a língua evolui ao longo do tempo. Um docente que compreende esses conceitos estará mais bem preparado para ensinar de forma que respeite as diferentes formas de fala dos alunos e para mostrar como a língua não é estática, mas sim dinâmica e em constante transformação.

A escrita ortográfica, conforme Simões (1952, p. 40), “as normas que seguimos para escrever são pautadas pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa”, a escrita, refere-se ao conjunto de regras que determinam a forma corretar de escrever, essas regras são fundamentais para garantir que a comunicação seja clara e compreensível.

Percebe-se que a escrita é permite a preservação dos conhecimentos, da cultura ao longo do tempo, sendo uma ferramenta central na comunicação digital. Quanto à educação, está associada ao nível de escolaridade, saber ler e escrever é a indicação de alfabetização e instrução formal. Assim afirma Marcushi, (2010, p. 16) que:

[...] após seu surgimento, a escrita passou a ser mais valorizada em relação a oralidade, e indispensável perante a sociedade e até mesmo “chegando a simbolizar educação” e nem o avanço da tecnologia deixou que a escrita ficasse para traz da oralidade, esses dois eixos caminham entrelaçados e é na escola que o indivíduo iniciará a escrita e partir dela que constituirá seu próprio texto.

A escrita é essencialmente um processo mecânico, sendo necessária a manipulação de um instrumento físico e a coordenação consciente de habilidades específicas motoras e cognitivas. Assim, a escrita é completa e irremediavelmente artificial, enquanto a fala é um processo natural, fazendo o uso dos meios assim chamado órgãos da fala (Fávero et al, 2002, p. 73- 74). Diante desse contexto, observar-se a caracterizada fortemente presencial tanto na escrita quanto na pronúncia, das mesmas palavras, em que estão bem visíveis na forma oral, em que podemos padronizar como sendo a influência exercida pelo meio social e familiar de convivência. Ou seja, ainda estes discentes não possuem uma formação e noção de uma norma culta padrão estabelecido e padronizada pelo professor. Uma vez que de acordo com os autores Cereja e Magalhães (2005), a fala se difere da escrita, pois a fala é espontânea e para a sociolinguística não precisa seguir regras, se houver compreensão na linguagem de quem fala é considerada correta. Porém, é necessário entender que a escrita segue regras gramaticais



A linguagem reflete a sociedade em diversos níveis. Conforme Sapir (1929, p. 08) “A linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem ideias, emoções, desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos” Com isso, percebemos o quanto é complexa e estruturada permitindo sucessões de pensamentos e expressões. É a capacidade comum a todos humanos de comunicar-se, por meio de signos linguísticos que se relacionam e se opõem, a capacidade de linguagem só se realiza plenamente no momento que nós, por meio de um sistema organizados, a língua natural, colocamos em prática, a capacidade comunicativa, são elas a verbal, construída a partir de palavras, frases, textos; não-verbal por meio de imagens e símbolos e a mista é constituída por palavras e imagens.

A linguagem é a matéria do pensamento, é também o próprio elemento da comunicação social. Não há sociedade sem linguagem, tal como não há sociedade sem comunicação. Tudo o que se produz como linguagem tem lugar na troca social para ser comunicado (Kristeva, 2001, p. 18). Portanto, a linguagem é intrinsecamente ligada ao social, sendo uma expressão de pensamento e o meio pelo qual a sociedade se mantém e evolui.

Consequente, a sociolinguística analisa os aspectos sociais e linguísticos, Hudson (1980 p. 01), conceitua que a sociolinguística “estudo da linguagem em relação à sociedade” sendo um ramo da linguística, concentra-se no funcionamento da linguagem dentro dos contextos sociais, que explora as relações entre variações linguística e fatores sociais, como a idade, gênero, etnia, região geográfica e a classe social.

Concepção de linguagem como fenômeno situado social e culturalmente, para Bakhtin (1929):

A linguagem, como todos os sistemas simbólicos, tem suas raízes na interação entre os membros de uma comunidade organizada. Todos os signos, inclusive os signos linguísticos, derivam seus significados de consensos estabelecidos entre os membros de um determinado grupo social

Em suma, a interconexão entre linguagem e sociedade, enfatizando que a comunicação é um fenômeno social que reflete e molda as relações humanas. Essa compreensão é essencial para o estudo da linguagem, pois nos ajuda a apreciar a complexidade e a riqueza das interações humanas e a importância da diversidade linguística na construção de identidades e significados. A falsa visão da língua como entidade homogênea, propriedade de uma determinada comunidade de fala, as principais



abordagens do fenômeno linguístico em seu enraizamento nas interações sociais; e essas perspectivas que consideram questões de cultura e poder. Em contraponto A ideia da linguagem como fenômeno enraizado em um meio social específico, cujos significados são elaborados e negociados em situações dialógicas. Um fenômeno social língua(gem) sempre em mutação e adaptação, evoluindo com a sociedade e refletindo as lutas travadas dentro dela.

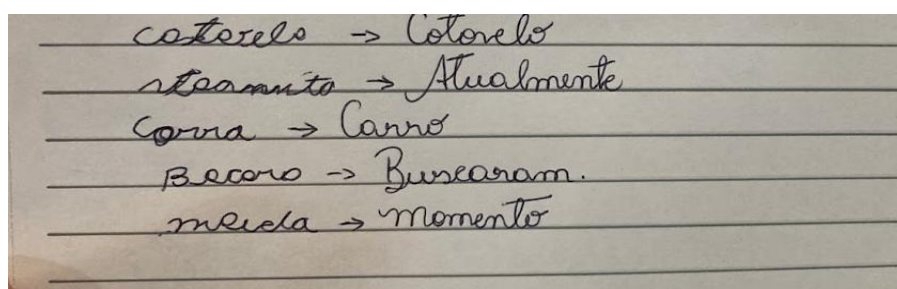
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a pesquisa realizada através de entrevista gravada, pediu-se que os alunos leem os livros proposto pela professora-supervisora, e logo após a citação de palavras do dia a dia.

Tabela de ditado de palavras, alunos do 7º Ano

Escrita do Alunos	Ditado de palavras
Cotovelo	Cotovelo
Atuameti	Atualmente
Moento	Momento
Bucaro	Buscaram

(FIGURA 1) - Transcrição do ditado de palavras



Constatou-se que no decorrer da escrita foram encontradas as trocas/ausência de vogais e consoantes, como por exemplo: “bucaro” e “atuameti”, sendo que ao escrever o aluno inconscientemente transfere o texto falado para o texto escrito. Segundo Nobile e Barrera (2009, p. 50) afirma que “o trabalho sistemático com determinadas categorias de palavras mais sujeitas a esse tipo de erro, como aquelas onde a letra representa o som de /i/ e /u/ mas escreve-se, respectivamente, /e/ e /u/”. Portanto, as produções textuais analisadas apresentavam as marcas da oralidade, sendo que essas marcas são comuns



aparecer em textos escritos dos alunos de ensino fundamental, levando em consideração que o aluno está em constante aquisição e consolidação do conhecimento.

Os desvios acontecem na maioria das vezes, pelo costume que os indivíduos possuem de não pronunciarem a palavra completa ou ainda pela rapidez com que a produção da oralidade acontece durante uma conversa ou um diálogo, deixando na escrita as suas marcas.

A proposta das produções textuais foram feitas em sala de aula, em que os alunos tiveram que relata sobre suas experiências, em uma visita na “Casa do Idoso”, em Imperatriz-Ma. Após os alunos entregarem as produções, os professores de Língua Portuguesa, observaram que realmente os alunos utilizam a oralidade dentro da escrita, muitos deles conseguem fazer a utilização da concordância verbal e nominal, mas outros ainda apresentam várias dificuldades como exemplo: “nois foi”, “passemos” e “cheguemos”. Diante disso, foram feitos alguns levantamentos sobre a marca da oralidade na escrita sendo comparadas essas marcas com o que os teóricos, estudiosos e pesquisadores falam sobre este assunto em suas obras e pesquisas. Em que o correto seria escrever “nós fomos”, “passamos” e “chegamos”.

Durante o processo da pesquisa na Escola Municipal de Ensino Fundamental, observou-se que, os alunos em suas produções textuais escrevem palavras de acordo com sua pronúncia e não seguindo assim a gramática normativa, uma vez que de acordo com os autores Cereja e Magalhães (2005), a fala se difere da escrita, pois a fala é espontânea e para a sociolinguística não precisa seguir regras, se houver compreensão na linguagem de quem fala é considerada correta. Porém, é necessário entender que a escrita segue regras gramaticais. A escrita é essencialmente um processo mecânico, sendo necessária a manipulação de um instrumento físico e a coordenação consciente de habilidades específicas motoras e cognitivas. Assim, a escrita é completa e irremediavelmente artificial, enquanto a fala é um processo natural, fazendo o uso dos meios assim chamado órgãos da fala (Fávero et al, 2002, p. 73- 74). Diante desse contexto, podemos observar que além da maneira caracterizada fortemente presencial tanto na escrita quanto na pronúncia, das mesmas palavras, em que estão bem visíveis na forma oral, em que podemos padronizar como sendo a influência exercida pelo meio social e familiar de convivência. Ou seja, ainda estes discentes não possuem uma formação e noção de uma norma culta padrão estabelecido e padronizada pelo professor.

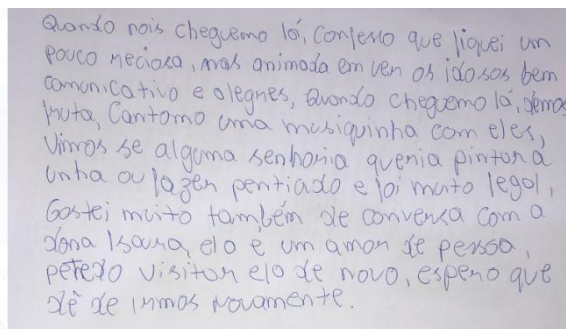
Durante o processo de alfabetização é que se vai tendo o conhecimento da escrita, pronunciando as palavras corretamente, embora se tenha esse conhecimento, ainda há



casos em que os alunos em suas atividades escolares inserem palavras de acordo com a sua fala. Durante a pesquisa foi possível identificar também algumas palavras escrita da forma como se fala, como exemplo, a palavra “atuameti” que nesse caso há ausência do “L”, “N” isso porque na pronúncia das palavras, os alunos não gesticulam corretamente essas consoantes, e isso é bastante comum encontrar na escrita de alunos que ainda estão em processo de ensino aprendizagem

A produção textual, os alunos escreveram palavras de acordo com sua pronúncia e não seguindo assim a gramática normativa, conforme com os autores Cereja e Magalhães (2005), a fala se difere da escrita, pois a fala é espontânea e para a sociolinguística não precisa seguir regras, se houver compreensão na linguagem de quem fala é considerada correta. Contudo, na escrita, principalmente na sala de aula faz-se necessário seguir as normas gramaticais. Além disso, foi detectada nas produções escritas dos alunos pesquisado a falta de concordância verbal e nominal como “nois chegamu”.

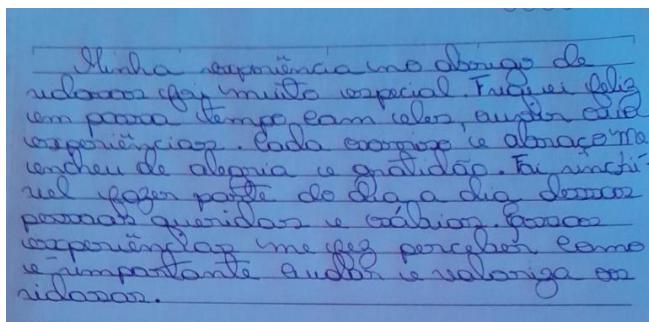
Figura 3 – Escrita do aluno(a) 1



Quando nois chegemo lá, confesso que fiquei um pouco reciosa, mas animada em ver os idosos bem comunicativo e alegres, quando chegemo lá, demos fruta, cantamo uma musiquinha com eles, vimos se alguma senhoria queria pintar a unha ou fazer pentiada e foi muito legal, gostei muito também de conversa com a dona Isaura, ela é um amor de pessoa, pretedo visitar ela de novo, espero que dê de irmos novamente.

Quando nois chegamo lá, confesso que fiquei um pouco reciosa, mas animada em ver os idosos sendo bem comunicativo e alegres. Quando chegamo lá, demos fruta, cantamo uma musiquinha com eles, vimos se alguma senhoria queria pintar a unha ou fazer algum pentiada, e foi muito legal. Gostei muito também de conversa com a dona Isaura, ela é um amor de pessoa, pretedo visitar ela de novo, espero que dê de irmos novamente.

Figura 4 – escrita do aluno(a) 2



Minha experiência no abrigo de idosos foi muito especial. Fiquei feliz em passar tempo com eles, ouvir suas experiências. Cada um tem a sua maneira de alegria e gratidão. Foi sincera- nel fazer parte de dia a dia de pessoas queridas e ganhar suas experiências me fez perceber como é importante ouvir e valorizar os idosos.

Minha experiência no abrigo de idosos foi muito especial. Fiquei feliz em passar tempo com eles, ouvir suas histórias e aprender com suas experiências. Cada sorriso e abraço me encheu de alegria e gratidão. Foi incrível fazer parte do dia a dia dessas pessoas queridas e sábias. Essas experiências me fizeram perceber como é importante cuidar e valorizar os idosos.

Ao analisar o texto percebe-se que as repetições na produção textual, a expressão “lá”, sendo palavra coloquial, comprometendo a harmonia do texto. Ausência/omissão das vogais e supressão de consoantes, “ demos fruta, pentiado, conversa, pretedo” podemos observar na produção textual analisada que encontrou-se várias palavras escritas com supressões de vogais ou consoantes, como por exemplo, nas palavras, nota-se que na grande maioria das vezes esses desvios acontecem pelo costume que os indivíduos possuem de não pronunciarem a palavra completa ou ainda pela rapidez com que a produção da oralidade acontece durante uma conversa ou um diálogo, deixando na escrita as suas marcas. Nesse sentido, destacam que “a queda do /r/ de infinitivo, como em “conversa(r).

O apagamento do /R/ e /S/ em posição de cada sílaba final da palavra, na produção textual dos alunos é perceptível, “fiquei feliz em **passa** tempo com eles, **ouvi sua** experiências”, percebemos que não há uma concordância na frase. Bortoni-Ricardo declara “que não é raro encontrarem textos de alunos a construção de verbos no infinitivo com apócope do /r/ final, configurando “a queda do /r/ final nas formas verbais” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 56). É comum, ainda, verificar a não presença do /d/, que faz parte da forma nominal gerúndio, o que, na interpretação da autora, explica-se pela assimilação e de-geminação do /nd/.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos durante a pesquisa, verificou-se que é muito presente a fala dos alunos em suas escritas, e isso na maioria das vezes não é percebido pelos próprios alunos, que não tem hábito de praticar a escrita e a leitura no âmbito familiar e social, torna-se necessário apontar meios para resolver esta dificuldade dentro da sala de aula. Com práticas de leitura e atividades explicando sobre as devidas diferenças entre oralidade e a escrita. E mostrando como escrever as palavras corretamente, para que os discentes desenvolvam produções textuais de forma em que o texto não tenha mais palavras com marcas de oralidade.



Com base nas informações coletadas no campo, os alunos apresentam o gênero social, pois há diferenças nas produções orais e escritas entre homens e mulheres, perceptíveis nos discursos produzidos. Além de se identificar a naturalidade, pois as variações diatópicas possuem grande influência na produção oral e escrita dos participantes, é importante ressaltar que existe uma presença marcante de variação linguística tanto na parte da redação escrita pelos alunos/alunas da turma de 7º ano, quanto como na parte da oralidade.

Para o desenvolvimento do aluno, na escrita é imprescindível a leitura, no contexto social muitos alunos talvez não tenham muitas oportunidades fora da escola, de familiarizar-se com a leitura; talvez não vejam muitos adultos lendo; talvez ninguém lhes leia livros com frequência. A escola não pode compensar as injustiças e as desigualdades sociais que nos assolam, mas pode fazer muito para evitar que sejam acirradas em seu interior. Ajudar os alunos a lerem, a fazer com que se interessem pela leitura, é dotá-los de um instrumento de aculturação.

AGRADECIMENTOS

Ao Congresso Nacional de Educação, sou grata a Deus por me conceder essa experiência incrível. O caminho não foi fácil, mas faz parte do processo. Expor um projeto criado por mim é como uma semente que finalmente brota, superando o solo apertado para alcançar a luz do sol, buscando novos horizontes além do seu pequeno ponto de partida. Sou imensamente grata à pessoa que está sempre na primeira fila, torcendo pelo meu sucesso, minha maior incentivadora, minha mãe. Ao meu companheiro por todo apoio e incentivo, aos meus familiares e amigos, a toda minha gratidão. O amor e apoio de vocês fazem tudo isso ser possível.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella. Maria. **Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005

CEREJA, Willian Roberto. MAGALHÃES. **Português: Linguagem**. 5 ed. São Paulo: Atual, 2005.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: perspectiva para ensino de língua materna**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002



MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividade de retextualização. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NOBILE, Gislaine Gasparin & BARRERA, Sylvia Domingos. Análise de erros ortográficos em alunos do ensino público fundamental que apresentam dificuldades na escrita. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 36-55, ago. 2009.

RIBEIRO, Ormezinda Maria. **Janelas na construção da leitura**. Uberaba: Vitória, 2006

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**; trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

